

# OS MEUS ANTEPASSADOS

por *João Caetano de Sousa e Lacerda*

## APONTAMENTOS

### À CERCA

### DOS MEUS ASCENDENTES

*Dedicados à minha querida neta  
Maria Isaura de Lacerda e Sousa  
Nascida em Paris em 16 de Maio  
de 1897*

### ILHA DE S. JORGE

Fragueira, 21 de Novembro de 1901

*João Caetano de Sousa e Lacerda*

### QUERIDA BÉBÉ

Tempo virá em que, já com pleno conhecimento da vida — e praza a Deus preservar-te de a conheceres por dolorosas experiências — te interesse lançar uma vista retrospectiva aos teus antepassados.

Foi para isso que coligi estes rápidos «APONTAMENTOS» à cerca dos meus «Ascendentes» que te dedico e que encerrarão duas preciosas lições: as suas vidas que nenhum opróbrio maculou; as suas mortes que devem advertir-te da incerteza e brevidade da vida.

E porque — segundo a Palavra que sempre se cumpre — eu tenho a certeza de tornar a ver os que tanto amei e de conhecer os que não vi <sup>(1)</sup>, fortaleça-te a mesma fé para que a infinita Bondade se digne guiar-te pelo caminho que vai ter à Pátria onde eles vivem a Vida que não tem limite.

Chateaubriand, René

## OS MEUS ASCENDENTES MATERNOS <sup>(1)</sup>

*É pelas acções e não pela genealogia  
que os homens devem ser julgados.*

W. Scott, Mosteiro.

O tronco dos Lacerdas da Ilha de S. Jorge foi o capitão Gonçalo Pereira de Lacerda, natural da cidade da Horta, Ilha do Faial. Era filho do capitão António Pereira Caralta <sup>(2)</sup> e de D. Margarida da Silveira Pereira, e neto de Gonçalo Velho de Medeiros e de Bárbara Dias Pereira, todos da mesma ilha.

Porque razão Gonçalo Pereira de Lacerda adoptou este último apelido que não figura nos seus ascendentes, pelo menos nos mais próximos? Não sei. O que é certo é que esse apelido constitui o ponto de partida dos Lacerdas desta Ilha.

<sup>1</sup> «... j'espere me rejoindre un jour á l'esprit de mon père».

<sup>(1)</sup> Os esclarecimentos relativos aos meus ascendentes maternos devo-os pela maior parte, à benevolência do meu ilustre amigo José Cândido da Silveira Avelar. Apenas sabia, por informação de minha mãe, que minha avó nascera e casara na vila das Velas com o alferes José Francisco da Silveira, filho de Francisco José da Silveira e de D. Helena de Bettencourt, naturais da vila das Lages do Pico; que daí emigraram para a Calheta do Nesquim da mesma ilha, em consequência do acontecimento a que nestes apontamentos se alude; que, enviuvando de D. Helena, Francisco José e um filho tomaram ordens sacras, celebrando ambos no mesmo dia a sua primeira missa.

Tocante às datas de nascimentos, casamentos e óbitos dos meus ascendentes anteriores a minha avó materna, tudo isso é devido ao concurso do meu dito amigo a quem consigno aqui um voto de agradecimento.

<sup>(2)</sup> Carauta, segundo ainda hoje se diz no Faial, o que é, evidentemente, uma corruptela de Caralta, apelido que vem, ao que parece, de Cara-alta. No Espelho Cristalino em jardim de várias flores (interessante e valioso manuscrito inédito de Frei Diogo das Chagas, antigo monge natural das Flores) encontra-se que os primeiros povoadores da Ilha do Pico foram FERNANDO ÁLVARES EVANGELHO e JARDÃO ÁLVARES CARALTA. Daqui, pois, naturalmente, a origem do sobrenome Caralta, no Pico e no Faial, e a noção de que Carauta não passa de uma corruptela.

(Nota de José Lacerda, revisor das provas deste opúsculo).

Gonçalo Pereira casou na vila das Velas com D. Isabel d'Azevedo, e foram pais do capitão António de Lacerda Pereira, nascido a 10 de Junho de 1651.

Casou este com D. Paula de Sequeira e deles nasceu António de Lacerda Pereira que, a 15 de Outubro de 1714, desposou D. Francisca de Bettencourt e Ávila.

Deste consórcio nasceu José Francisco de Lacerda que casou a 7 de Março de 1744 com D. Ana Margarida Machado, e foram pais de minha avó D. Maria Custódia Forjaz de Lacerda, de Gonçalo Pereira de Lacerda, falecidos em sucessão, de António de Lacerda Pereira Forjaz e de D. Ana Cabral de Lacerda que deixaram descendentes.

Minha avó foi educada no convento de freiras que havia então nas Velas e que foi extinto quando em Portugal foram abolidas as congregações religiosas.

Casou a 20 de Junho de 1792 com o alferes José Francisco da Silveira, filho de Francisco José da Silveira e de D. Helena de Bettencourt naturais da vila das Lages do Pico.

Francisco José e consorte tinham a casa de sua residência e umas propriedades rurais, de que viviam desafogadamente, situadas entre a vila das Lages e a freguesia de S. João, limítrofe da mesma vila.

Casa e terras tudo foi devorado dum dia para o outro por uma erupção vulcânica que, naquela zona, calcinou muitas milhas quadradas de terreno. <sup>(3)</sup>

Depois deste desastre emigraram para a «Calheta de Nesquim», na extremidade oriental da ilha, onde tinham parentes.

Enviuvando de D. Helena, Francisco José e um filho tomaram ordens de Presbítero, celebrando ambos no mesmo dia a sua primeira missa. <sup>(4)</sup>

Quando casou com a minha avó, José Francisco era já viúvo de D. Isabel Brites, natural da vila das Velas, da qual houvera três filhas: Quitéria, Ana e Maria, e um filho de nome José, que depois adoptou o nome de José Bettencourt da Silveira.

Uma parenta de D. Isabel Brites, e de nome D. Brites Pereira, doou a minha avó, em dote de casamento, umas propriedades importantes que possuía nas Ribeiras, freguesia de Santa Bárbara, ilha do Pico.

Ali foram meus avós fixar a sua residência, acompanhados da doadora e dos quatro já mencionados filhos.

Quando atingiram a idade competente as filhas professaram todas três no convento das Velas e o filho foi mandado estudar no

<sup>(3)</sup> Muitos anos depois minha mãe, aos 18 anos de idade, passando pela estrada que atravessa o campo calcinado, ouviu dizer a um dos condutores da rede em que ia: «era ali a casa do avô da senhora», disse ele indicando um ponto.

<sup>(4)</sup> Narrativa de minha mãe.



convento de frades da mesma vila. Os conventos eram as únicas escolas que havia então nos Açores e que — diga-se o que se disser — grandes serviços prestaram na educação da mocidade. Na época em que foram abolidas as congregações religiosas sucedeu passar pelas Velas um militar com patente de coronel e o apelido «Sárria» o qual induziu a ex-freira D. Maria a segui-lo para o continente do reino. Não querendo separar-se dela, acompanharam-na as duas irmãs, ignorando-se que destino tivera. <sup>(5)</sup>

Aí por 1858, pouco mais ou menos, meu primo Dr. João Soares de Lacerda, passando por Lisboa, encontrou-se casualmente com D. Quitéria, única sobrevivente das três irmãs, reduzida à extrema miséria.

Ele então — honra à sua memória, pois que não é já deste mundo — reclamou e obteve dos parentes um subsídio pecuniário que foi enviado a D. Quitéria, que faleceu pouco depois.

Muitas vezes ouvi minha avó, referindo-se à sua enteada D. Maria, encarecer a sua esplêndida beleza e a sua magnífica voz: «voz d'anjo» dizia minha avó.

É de crer que andasse nisto influência atávica porque meu avô era um amador de música o que lhe valera ser regente da capela musical da paróquia. <sup>(6)</sup>

Tendo completado os estudos que podia proporcionar-lhe a Casa regular onde esteve cinco anos, José Bettencourt da Silveira voltou para a companhia da madrastra, já então viúva, convivendo com ela até aos vinte e cinco anos de idade, época em que tomou posse da herança paterna, separando-se sem quebra das suas cordeais relações, e edificando, próximo da residência dela, uma casa, em que viveu toda a vida, e cujo plano eu tenho tão presente à memória como se agora o estivesse vendo.

«Tio Bettencourt» como eu e os meus manos lhe chamávamos, era de todos os nossos tios o mais querido; morríamos por ele. Em compensação ele tinha por toda a nossa família, mormente por minha mãe, sua irmã consanguínea, o mais entranhável afecto.

Instruído, conversador interessante, de inalterável afabilidade e de índole humorística <sup>(7)</sup>, José Bettencourt era um dos mais simpáticos elementos nas francas e cordiais relações que nesse tempo existiam entre os conspícuos do lugar.

<sup>(5)</sup> Narrativa de minha mãe.

<sup>(6)</sup> A este propósito contava minha mãe o seguinte: indo à igreja um expresso chamá-lo a toda a pressa, por ter caído um dos seus bois num precipício que dava para a costa do mar, respondeu: «agora estou cantando...» e deixou-se ficar no seu posto.

<sup>(7)</sup> Quando ele regressou do estudo para a companhia de minha avó, vivia ainda D. Brites Pereira. Nascida e educada nas Velas ali se relacionara com as principais pessoas do lugar. Nos últimos tempos da sua vida, afectada de amolecimento cerebral, afigurava-se-lhe à imaginação que vinham visitá-la as pessoas

Todos os anos em Agosto iam meus pais, com os filhos, visitar minha avó, demorando-se lá uma quinzena.

A maior parte dessa temporada passava-a a tropa miúda na casa do tio Bettencourt, onde havia sempre à farta biscoitos e mel d'abelhas.

Esperava sempre pela nossa arribada para crestar as suas colmeias assás numerosas — vinte e quatro me lembro de contar.

Ele e o meu pai estimavam-se cordealissimamente. Dava ele a meu pai o tratamento de «senhor João Caetano»: meu pai a ele o de «senhor capitão», graduação puramente nominal que lhe ficara da época (1827-1828), em que se tinham organizado milícias locais nas ilhas do nosso arquipélago que seguiam a parcialidade de D. Miguel de Bragança.

A este respeito contava ele o seguinte qui pró quó que lhe fizera passar aquele mau quarto de hora de que fala Rabellais: Em 1831 desembarcara em Santa Cruz, porto de mar da freguesia de Santa Bárbara, o general conde de Vila-Flor, com uma companhia de liberais, marchando em direcção da vila das Lages, donde pretendia passar à cidade da Horta.

Ao passar de frente da casa de José Bettencourt saiu este ao caminho e convidou o conde e alguns da comitiva a entrar e tomar uma refeição.

Aceitou o conde, entrando com alguns oficiais, entre os quais o sr. X..., natural da Terceira. <sup>(8)</sup>

No decurso da refeição, X... encheu o seu copo e perguntou ao dono da casa o seu nome, para dirigir-lhe um brinde e como ele respondesse chamar-se José Bettencourt, X... empalideceu, repôs o copo na mesa de pancada, insistindo se efectivamente era esse o seu nome... José Bettencourt olhava para X... interdito, espantado, sem nada compreender desta repentina metamorfose...

As suas antigas relações e pedia a minha avó mandasse fazer biscoitos para oferecer às visitas. Minha avó satisfazia ao pedido, mas intrigava-a a rapidez do consumo dos biscoitos, tendo aliás a certeza de que D. Brites poucos ou nenhuns gastava ela própria. Resolvendo profundar o caso pôs-se a espreitar. Num dos momentos D. Brites tomou o prato dos biscoitos e começou a distribuí-los à direita e à esquerda às imaginárias visitas. Ao passar defronte de José Bettencourt, que surreitamente se introduzira no quarto foi ele empolgando os biscoitos do primeiro ao último... Estava resolvido o problema.

<sup>(8)</sup> Por conveniência ocultamos o nome e até as iniciais do nome da pessoa a que nos referimos e da qual teremos ainda ocasião de falar, infelizmente com grandíssimo desabono do seu carácter. Assim, por meio desta alusão anónima, nem revolvemos sepulturas há muito cerradas, nem faltamos à verdade que nos propusemos seguir nestas obscuras linhas.

Nota — A seguir e a tinta há a seguinte nota — X... Manuel Homem de Noronha, filho de D. Úrsula e tio paterno de Manuel Homem de Noronha, que era em 1894, Governador Civil deste Distrito.

Interveio então o nobre conde, dizendo a X, de sobreolho franzido, «que mais Marias havia na terra e, quando mesmo não houvesse, a procedimento dele era altamente censurável em uma casa onde tão espontânea hospitalidade lhe fora oferecida».

Apurado o caso, quem provocara o furor de X... não era o José Bettencourt que ali estava, era um seu homónimo, que nesse tempo residia na cidade da Horta.

Partidário feroz de D. Miguel, esse homem tornara-se célebre em perseguições durante as odiosas sindicâncias miguelistas, que recordarão os temas da Inquisição.

Fôra por isso notado «no livro preto dos liberais» e dantemão condenado ao massacre.

Ao constar-lhe a próxima chegada do conde de Vila-Flor, fugiu para o Pico, metido numa pipa...

José Bettencourt da Silveira casou nos últimos anos da sua vida, com D. Emerenciana Isabel, que há muito convivia com ele.

Não tinha filhos. Faleceu a 6 de Janeiro de 1865, instituindo meu mano José herdeiro de parte dos seus bens. Quis ainda com isto mostrar mais uma vez o affecto que dedicava à nossa família.

Bom e querido velho! Parece-me que o estou vendo.

Bastante chorei ao chegar-me a notícia da sua morte...

Do consórcio de meus avós José Francisco e de D. Maria Custódia nasceram três filhos e três filhas.

Os filhos foram: José Francisco de Lacerda, casado nas Velas com D. Ana Utilia de Lacerda. Faleceu novo, deixando seis filhos: António, João, Francisco, Cândido, Maria e Teresa; todos já falecidos.

João Pereira de Lacerda, casado na vila das Lages com D. Francisca Soares Machado. Eram meus padrinhos. Foram pais de seis filhos: João (Dr. em Direito), Tomé, Francisco, Maria, Francisca e Inácia.

O único sobrevivente é Francisco Soares de Lacerda, residente na cidade da Horta.

João Pereira de Lacerda casou segunda vez na dita cidade com D. Maria José Whiton. Não houve filhos.

Exerceu ali mais de uma vez o cargo de Juiz de Direito substituto. Era dotado de inteligência muito superior à educação que pudera proporcionar-lhe o lugar onde nascera. Ninguém expendia com mais lucidez qualquer assunto dos que entrassem na órbita da sua compreensão.

As suas cartas a meu pai sobre negócios de família podiam considerar-se modelos no género.

A sua probidade foi ainda superior à sua inteligência. Faleceu na mesma cidade em 1894.

António de Lacerda Pereira, casado na freguesia da Ribeira Sêca com D. Isabel Bernarda Moniz.

Foram pais de doze filhos: António, José, João, Tomé, Joaquim, (falecido em tenra idade), Francisco, Cândido, Joaquim, Miguel, Maria, Rita, Mariana. Existem quatro.

António de Lacerda Pereira foi um agricultor prático, distinto e um cavalheiro de indiscutível probidade. Posto que de inteligência inferior à do irmão desempenhou-se com aplauso de vários cargos públicos que exerceu.

Faleceram, ele e a consorte, na dita freguesia em 1895.

D. Ana Nunes Forjaz de Lacerda, casada na freguesia de Santa Bárbara com Caetano Ferreira Nunes, natural da vila de S. Roque. Foram pais de três filhos: Francisco, Maria e Teresa que ainda existem.

Posto que Caetano Ferreira não entre na linha dos seus antepassados — necte, memorande, reliquam — meu respeitável patrono que em tua casa me recebeste e trataste com carinho de pai, durante os três anos da minha aprendizagem do latim!

Era de pequena estatura, magro, muito trigueiro, boca e nariz grandes, testa curta, maçãs do rosto salientes. No meio de tudo a nota discordante duns olhos azuis!

— Então devia ser feio?

— Não era tal!

Ninguém o via que com ele não simpatizasse desde logo, tão doce tão affectuosa era a sua expressão da sua fisionomia, tão atraente a lealdade e franqueza que transpiravam de todo aquele conjunto.

Era dos raros privilegiados que, sem bagagem literária, logram apresentar-se dignamente em uma sociedade selecta.

A sua simples e desaffecteda gravidade conquistava-lhe simpatias e respeito em toda a parte onde estivesse.

Observador penetrante, conversador espirososíssimo, era capaz de contar as coisas mais escabrosas, sem ofender as conveniências.

Meu pai morria por ouvi-lo e foi, com certeza, na companhia dele que desfechou as suas mais alegres e sonoras casquinadas... Como fecho desta abóbada uma probidade ilibada.

Nem do seu falecimento nem do de minha avó pude obter a data precisa. O de minha avó deve ter sido aí por 1846; o dele por 1868, pouco mais ou menos. Poucos meses lhe sobreviveu a consorte.

D. Bárbara Carlota Forjaz de Lacerda, celibatária e a mais moça dos irmãos, viveu a maior parte da sua vida na companhia de meus pais, aos quais sobreviveu falecendo na mesma casa em 1885.

Para completar o número de filhos de D. Maria Custódia falta falar de minha mãe.

Que posso eu dizer dela?

Que homenagem posso eu tributar-lhe que não seja inferior às eminentes qualidades que ornaram o carácter dessa nobre e santa criatura?



Não creio que tenha havido esposa mais devotada ao esposo, mãe mais carinhosa para os filhos, coração mais compassivo para a desgraça, carácter mais nobre, consciência mais recta.

Se me fora dado escolher mãe, outra não teria escolhido senão ela.

Deus, que nos seus insondáveis desígnios muitas vezes permite que o justo não receba o prémio senão às portas da Eternidade, Deus começou a recompensá-la já neste mundo, rodeando-a do amor e carinho dos filhos e obscurecendo-lhe a memória para poupá-la à dor pela morte do esposo querido, falecido dois anos antes da morte dela.

Partiu deste mundo ignorando que o esposo a precedera.

Às vezes admirava-se de não o ver...

Dizia-se-lhe então que fora numa viagem de que brevemente voltaria. Esta piedosa fraude bastava a sossegá-la.

As outras faculdades do espírito tinham permanecido lúcidas. Ainda superentendia nos serviços da casa, inquerindo, ordenando, dispondo...

Depois foi-se desapegando da vida lentamente, sem dor, sem moléstia caracterizada, recaindo nos seus últimos dias numa sonolência apática, terminada por uma morte serena — a morte dos justos no dia 20 de Julho de 1878.

Nascera a 8 de Setembro de 1793 e casara em 1826.

Fôra-lhe imposto no baptismo o nome de Utilia, mudado no crisma para Maria, adoptando então o nome de Maria Utilia Forjaz de Lacerda que sempre usou.

Terminam aqui os apontamentos relativos aos meus antepassados maternos, mas terei ainda de referir-me — e nunca será isso demais — a minha querida mãe, na parte relativa aos meus ascendentes paternos.

## OS MEUS ASCENDENTES PATERNOS

*É pelas acções e não pela genealogia  
que os homens devem ser julgados.*

W. Scott, Mosteiro.

O registo paroquial de nascimentos, casamentos e óbitos da Freguesia de São Tiago da Ilha de S. Jorge não alcança além de 1693. E ainda assim nem todas as três espécies de registo atingem essa data, o que prova que, além da perda total dos livros anteriores a 1693, alguns se perderam também posteriores a essa época, sendo provável

que a perda duns e doutros coincidissem com o terramoto de 1757, que reduziu a igreja paroquial a um acervo de ruínas das quais surgiu, sete anos depois, a igreja que actualmente existe.

Do mais antigo dos livros de registo de nascimentos consta que meu trisavô, capitão Tomé Teixeira de Sousa, filho de Bartolomeu Teixeira de Fontes e de D. Maria Machado de Sousa, naturais da dita freguesia, nascera a 2 de Dezembro de 1693.

Casou com D. Maria dos Anjos de Lemos, filha de Pedro Luiz de Lemos, e de D. Bárbara de Sousa Teixeira, havendo deste consórcio dois filhos: Francisco Machado de Sousa e Bartolomeu Silveira Machado, meu bisavô, nascido a 15 de Maio de 1741.

Tomé Teixeira, sua mãe, sua mulher, seu filho Francisco e dois creados, pereceram todos sob as ruínas da casa, demolida pelo terramoto ocorrido às 11 horas da noite de 9 para 10 de Julho de 1757, vinte e um meses depois do terramoto que, no 1.º de Novembro de 1755, arrasou Lisboa e chegou a sentir-se na Islândia.

De toda a família só escapou meu bisavô, que foi tirado das ruínas da casa por um vizinho de nome António Machado Homem. Era este, creado de servir duma casa próxima à de meus trisavós e dormia em uma palhota contígua à casa dos amos, cujas paredes baixas e sólidas resistiram ao abalo de terra. (º)

Acordando ao fracasso produzido pelo desabamento da casa dos amos saltou fora da cama e conseguiu salvar a única sobrevivente da família, uma creada de nome Maria da Luz. Em seguida correu a casa de meus trisavós e guiado por uns gemidos logrou extrair das ruínas, meu bisavô, então de 16 anos, gravemente contuso, colocando-o em cima de um jaquetão, num sítio que minha avó muitas vezes me indicou e, tendo velado o ferido até ao dia seguinte, entregou-o aos cuidados de uns parentes.

Toda a vida — e não durou ela menos de 89 anos — foi meu bisavô reconhecido a quem tamanho serviço lhe prestara, e não somente o António Machado Homem, mas também os seus descendentes ficaram, por esta tradicional dedicação, para sempre ligados à nossa família.

Quando meu bisavô pôs casa deu-lhe a pastoreagem do seu gado bovino e lanígero, com o interesse do terço do leite e lã. O mesmo partido foi feito por minha avó a um filho dele, de nome João Machado Homem, que eu conheci muito bem, e do qual ela era comadre, e meu pai, seguindo a tradição herdada, conservou no mesmo pé um filho deste último, de nome António Machado Nunes, meu compadre, falecido há seis anos.

(º) Conheci a dita palhota que foi demolida aí por 1842.

Casou meu bisavô a 12 de Fevereiro de 1759, na idade de 18 anos, com D. Rita do Espírito Santo, filha do Ajudante Francisco Inácio de Sousa e de D. Bárbara da Encarnação.

Houve deste consórcio cinco filhos: Tomé Gregório Teixeira, António Silveira de Sousa, João Inácio Teixeira de Fontes, D. Bárbara do Espírito Santo e D. Rita dos Anjos e Silveira, minha avó, nascida a 10 de Setembro de 1773.

Tomé e António tomaram Ordens Sacras: este foi cura d'almas na paróquia de S. Tiago; aquele, vigário e ouvidor na Matriz de N. S. do Rozário da Vila Nova do Topo, então concelho.

Os dois primeiros nasceram no Pico e foram baptizados na paróquia de N. S.<sup>a</sup> da Piedade. D. Rita nasceu na freguesia de S. Tiago, S. Jorge, a 13 de Junho de 1803, já depois da morte do pai.

Ignoro a data precisa do nascimento de meu tio Tomé Gregório, mas deve ter sido em 1800, vissto que meu pai mais velho do que ele dois anos, nasceu a 24 de Junho de 1798.

João Inácio viveu sempre celibatário; até aos 30 anos em comunidade com a família, passando desde então a residir na Fajã dos Vimes na mesma casa que actualmente me pertence. D. Bárbara viveu celibatária em companhia da família. D. Rita casou aos 16 anos de idade com o capitão Manuel Francisco d'Azevedo, natural da freguesia de N. S.<sup>a</sup> da Piedade, Ilha do Pico, falecido sem sucessão dois anos depois do casamento, instituindo minha avó sua universal herdeira.

Casou segunda vez com João Caetano de Sousa, natural da Praia do Norte, que faleceu pouco mais de quatro anos depois do casamento, de que houve três filhos: João Caetano de Sousa, meu pai; Tomé Gregório Teixeira; D. Rita Antónia da Silveira.

A prematura morte de meu avô feriu no coração a esposa que o adorava. <sup>(10)</sup>

Apenas constou ao padre António Silveira que a irmã enviuvara partiu logo para o Pico, afim de confortá-la em tão tristes circunstâncias.

Lá o empolgou a morte oito dias depois da sua chegada!

Então acabrunhada por tão rudes golpes minha avó fugiu com os filhos para S. Jorge, dando um eterno adeus ao Pico, aonde não mais voltou.

Pouco tempo depois de restituída a casa dos pais, aí a torturaram novos desgostos, com a perda de suas queridas mãe e irmã, falecidas a curto intervalo uma da outra.

<sup>(10)</sup> Coisa notável! Muitíssimas vezes ouvi minha avó falar do segundo marido com profunda saudade e vertendo lágrimas; ao primeiro é que nunca ouvi fazer a mínima alusão. E todavia foi proverbial na freguesia da Piedade o amor carinho com que Manuel Francisco tratou sempre sua jovem esposa, o que, de resto, parece confirmado pelo facto de a instituir herdeira de todos os seus bens, enquanto que do segundo nada herdou. Aponto o facto, a razão ignoro-a.

D. Bárbara é que presidia à labutação interna e externa da casa. Pais, irmãos, creados, todos seguiam as prescrições por ela decretadas. Génio áspero, coração de pomba, as criadas temiam-na e adoravam-na. Terríveis as reprimendas que ela lhes applicava, se motivo houvesse; mas a sua cólera assemelhava-se à tempestade do Equador, nas quais ao fusilar do relâmpago e ao ribombo do trovão succede rapidamente o mais calmo repouso da natureza. <sup>(11)</sup>

D. Bárbara faleceu aos 40 anos, de uma anasarca, muito chorada por pais e irmãos.

«Quando minha irmã faltou — dizia minha avó — a nossa casa pareceu ficar vazia...»

Minha avó assumiu então o governo da casa, que exerceu toda a vida.

Como não houvesse na freguesia aula de ensino primário, quando os filhos atingiram a idade da escola, mandou-os minha avó para casa do irmão, padre Tomé Gregório, no Topo, onde aprenderam primeiras letras. Depois enviou-os para Angra estudar no convento dos Franciscanos, pagando à casa, pela hospedagem dos filhos, duzentos mil reis anuais.

Lá estiveram três anos e lá estavam ainda quando sobreveio a morte do padre Tomé Gregório, fulminado por uma apoplexia.

O padre Tomé Gregório era o primogénito e tanto por esta circunstância, como pela sua posição e carácter, foi muito amado e respeitado dos irmãos.

A notícia que minha avó recebeu por um expresso não era de um caso desesperado, mas dum caso urgente. Por isso mandou a toda a pressa fretar um barco e partiu de casa sozinha, sem criado nem criada, sem outra roupa além da que tinha vestida.

Quando entrou na casa do irmão achou-o já amortalhado. Caíu então desmaiada... <sup>(12)</sup>

Dos cinco filhos de Bartolomeu Silveira Machado restavam dois: minha avó e João Inácio Teixeira, que por esse tempo fixou a sua residência na Fajã dos Vimes, em bens da casa, os quais ele e minha avó nunca quizeram dividir entre si e como a maior parte dos bens fosse

<sup>(11)</sup> Se sucedia ficar branda de mais a massa para os biscoitos, D. Bárbara atirava-a pela janela e mandava fazer outra. Se então passava pelo pátio á sânta velhinha de minha bisavó, juntava a massa, limpava-a dos argueiros e dava-a às criadas, tudo em muito segredo «não o soubesse Barbarinha...» Muitas cenas destas presenciou minha avó.

<sup>(12)</sup> Quando minha avó partiu de casa seguiu-a uma cadelinha muito mimosa dela. Ao perceber isto minha avó escoraçou-a, dando-lhe um pontapé. O inteligente animal recuou e foi instalar-se num ponto donde se avistava o caminho seguido pela dona. Lá esteve enquanto a viu; lá continuou a estar depois de a não ver sempre no mesmo lugar sem nunca mais comer coisa alguma, até que lá morreu de inanição ou de dor!



na freguesia de S. Tiago, minha avó mandava ao irmão, duas vezes por semana, o pão que ele e dois criados gastavam.

Em duas épocas do ano vinha o tio João Inácio passar uma quinzena com minha avó; em Janeiro quando se matavam os porcos e toda a Semana Santa e princípio da Páscoa. Esses dias eram esperados por nós — eu e meus irmãos — com a impaciência com que se espera um jubiloso acontecimento.

No dia designado para a vinda lá íamos nós instalar-nos num ponto donde se avistava o caminho por onde forçosamente tinha de vir o tio, a quem todos nós chamávamos «*padrinho*» conquanto ele só o fosse de meu irmão Tomé.

O primeiro que assumava lá adiante era o criado Laureano com cesto ao ombro, dentro do qual nós adivinhávamos as magníficas bananas e as excelentes laranjas — as melhores que tenho visto — com que o tio nos brindava à chegada. Atrás do criado aparecia o tio, apoiando-se no seu bordão, ferrado, inseparável companheiro das suas excursões.

Destacava-se então do grupo um de nós que ia correndo dizer à avó que ele já vinha perto.

O tio era de avantajada corporatura, feições grossas e simpáticas, boca grande, nariz grande, olhos grandes castanho-claros, à flor do rosto, míope como também era minha avó, usando ambos lunetas sem o que não reconheciam as pessoas a três metros de distância.

Mal despontava ele no princípio da vereda que atravessava o cerrado em direcção à casa, caíamos-lhe em cima como um bando de abutres sobre a presa. Um pegava-lhe na mão, outro no bordão, outro nas abas do jaquetão, outro empurrava-o pelas costas, formando todos um grupo compacto que lá ia indo emaranhado e lento, dando a ilusão dum galheteiro cuja peça é muito mais alta que as circunstantes...

Se estas obscuras linhas acertarem de cair alguma vez sob vistas estranhas, rir-se-ão decerto destas ninharias, que o não são para mim, porque me recordam o melhor tempo da minha vida e «nada do que nos interessa da vida — diz Goethe — deixa de ter importância».

Depois de passar uns dias com minha avó o tio regressava, com infinitas saudades nossas, à sua Cartuxa, aonde, já depois de ter voltado do estudo, eu ia muitas vezes visitá-lo, demorando-me uma ou duas semanas.

Ninguém, que eu saiba, passou vida mais plácida que a sua. Levantava-se ao rasgar da manhã; fazia o seu chá que deixava abafado na mesa; ia ouvir missa à Ermida que dista da residência coisa de trezentos passos e vinha almoçar. Depois ia para o quintal decotar e limpar as laranjeiras, entretendo-se lá até ao meio dia, hora fixa do seu jantar.

Terminado este, lia ou conversava se tinha com quem, e a sua conversa era interessante, especialmente em geografia física, em que era bastante versado.

Estudara o latim e referia-se muitas vezes aos «*Comentários de Júlio César*» que achava muito interessantes, o que não revela mau gosto.

O dia seguinte passava-se como o antecedente e assim uniformemente durante o decurso de 55 anos!

Quem poderia gabar-se de outro tanto?

Nem o próprio califa Arum-al Rachid, o venturoso, o qual declarava à hora da morte que na sua longa vida, que aos outros parecera cumulada de todas as prosperidades, apenas *contara 14 dias felizes!*...

Depois de três anos de estudo em Angra, meu pai e irmão voltaram à família, então representada por meu bisavô, minha avó e sua filha D. Rita. Nos verões mandava minha avó os filhos ao Pico presidir às vindimas e arrecadar os rendimentos das terras que herdara de seu primeiro marido.

Foi lá que meu pai colheu informações relativas à família de minha mãe e tanto lhe agradaram elas que, voltando a S. Jorge e contando a sua mãe o que ouvira, esta o autorizou a ir às Ribeiras pedir a mão de minha mãe, que lhe foi concedida, realizando-se o casamento em 1826.

Em seguida reuniu-se meu pai e a esposa à família que tinha em S. Jorge e que então se compunha de meu bisavô e minha avó, residindo já neste tempo na Fajã dos Vimes o tio João Inácio e tendo já casado a tia D. Rita com Faustino António da Silveira, natural da freguesia de Santa Catarina, cabeça do concelho.

Conquanto esse enlace não tivesse a aprovação da minha avó, não obsteu isso a que posteriormente se atassem, entre ela e o genro, cordealíssimas relações que só terminaram com a morte, relações cimentadas na excelente educação que ele recebera e no amor e carinho com que sempre tratou a esposa, cujas virtudes soube apreciar tão bem que quando a ela se seferia, chamava-lhe — a sua santa companheira.

Falleceu em 1862 e a esposa, 22 anos depois, em 2 de Abril de 1884.

Houve deste consórcio seis filhos de que existem quatro, sendo, segundo a ordem cronológica: João Caetano, D. Rita, D. Maria e Tomé Gregório. <sup>(13)</sup>.

<sup>(13)</sup> Quando terminei a 21 de Novembro último — aniversário do falecimento de meu querido pai — estes ligeiros apontamentos, vivia e prometia viver muito minha presada e digna prima D. Rita Catarina dos Anjos e Silveira, mais nova do que eu e cujo aspecto aparentava não mais de 40 anos.

Uma moléstia, rápida no seu progresso, levou-a ao túmulo em 11 de Dezembro corrente! Foram sempre cordealíssimas as relações da nossa amizade, começada na infância. Por isso ao visitá-la nos seus derradeiros dias as últimas pala-

Entrando na casa em que devia passar toda a sua vida minha mãe encontrou em vez de uma sogra, uma afectuosa mãe. Se é proverbial a antipatia entre noras e sogras, nunca o provérbio teve mais formal desmentido do que no caso sujeito.

Nunca a mais ligeira nuvem perturbou a limpidez das cordeais relações que toda a vida existiram entre estas duas mulheres de tão diferente temperamento. Minha avó pela sua índole autoritária simbolizava o poder. A brandura e uma afectuosa submissão da parte de minha mãe exprimiam a mais perfeita obediência.

Quem presenciasse o modo por que elas se tratavam, julgaria as suas relações, ou bastante frias ou, pelo menos cerimoniosas. Nem uma coisa nem outra.

Minha mãe dava-lhe o tratamento de — *senhora*; ele a minha mãe, o de: — *dona*.

«*A dona quer isto? A dona não quer isto?*»

Quando minha mãe carecia de serviço das criadas dirigia-se a minha avó... «*E a dona — replicava ela — porque lhe não manda fazer isso? Não são elas também suas criadas?*».

Mas de autorização tão expontâneamente outorgada nunca minha mãe usou e muito menos abusou, o que prova a sua prudência e bom senso.

Evocando estas queridas personalidades, há tanto desaparecidas, não deixarei de ajuntar à sua feição moral alguns traços fisionómicos, bem inúteis para mim que tão presente os tenho, como se ontem os vira, mas que talvez despertem interesse aos meus descendentes, que não chegarão a vê-los.

Minha avó era de formas possantes, bem proporcionada, tez branca e rosada, olhos grandes castanho-claros, nariz direito, um pouco grosso na base, boca grande bem desenhada. Era míope; para reconhecer as pessoas mesmo a curta distância, auxiliava-se de luneta que trazia sempre pendurada ao pescoço.

Cingia-lhe a cabeça, como uma coroa de prata, farta cabeleira alva de neve (encanecera aos 40 anos), toda repuxada para o alto do crâneo e aí presa por um pente. <sup>(14)</sup>

Esta fisionomia usualmente prasenteira assumia expressão diferente, quando dominada pela cólera. Nessas orasiões, ainda assim raras, os olhos fusilavam, o franzimento dos sobrolhos vincava-lhe fun-

vas que lhe ouvi e a custo percebi foram: «primo João Caetano, não houve infância como a nossa...» Era um espírito lúcido, esclarecido por muitas e instrutivas leituras. Publicou em vários periódicos algumas poesias em que sobressaía a terna e simpática bondade do seu coração, sempre propenso à indulgência. À sua memória consigno aqui este tributo de respeito e saudade. (30-XII-1901).

<sup>(14)</sup> A moda actual, recuando 60 anos, veio adoptar este mesmo penteado.

damente a testa com dois sulcos verticais, a voz era incisiva e cortante como gume duma espada. <sup>(15)</sup>

Quando (1847) regressei do estudo publicava-se a 1.ª série do Panorama colaborado por Herculano, Castilho, Mendes Leal, Oliveira Marreca e outras brilhantes penas, iniciadoras da nossa época romântica. Nas noites era obrigatório o serão de leitura do Panorama. Assentada à mesa minha avó mandava-me ler, de preferência os romances históricos, durante as duas ou três horas que precediam a ceia.

Escutava com profunda atenção e se vinham interromper a leitura com alguma pergunta, lá começava a desenhar-se o tal franzimento de sobrolhos e... bater em retirada...

Passara ela uns anos da sua mocidade em Angra, aonde meu bisavô mandara educá-la. Aí travou com D. Úrsula avó de meu nobre e já falecido amigo M... H... N... estreitas relações de amizade que duraram toda a vida.

Era boa conversadora e contava as coisas com infinita graça. Sirva de prova o que vou dizer:

Em 31 de Março de 1895, embarcando das Velas para Lisboa, passei parte desse dia com o meu velho e ilustre amigo Dr. José Pereira da Cunha, que residira anos na Freguesia de S. Tiago. Falámos de muitas coisas dessa época e no decurso da conversa aludiu-se a minha avó. «Nunca, disse então o meu ilustre amigo, «nunca ouvi contar uma coisa com a graça com que a contava a sua avó».

Aparecia a toda a gente sem nada mudar no trajo que usava em casa e que se compunha de vestido de chita azul ou pardo, avental branco, inseparável apêndice do seu fato, e dum lenço branco com as pontas cruzadas sobre o peito.

Não me são menos presentes as feições de minha querida mãe. Um pouco morena, rosto sobre o comprido, nariz afilado, boca bem proporcionada, olhos escuros de extrema doçura. Neles se reunia a principal expressão da sua simpática fisionomia, que à primeira vista, se impunha pela afectuosidade e candura.

Tais eram a largos traços, as fisionomias das duas mulheres que mais amei e respeitei e que tão nitidamente conservo fotografadas na memória que, para vê-las, não preciso de mais do que — fechar os olhos...

<sup>(15)</sup> O nosso criado José Silveira Almeida, que entrara ao serviço de meu bisavô e que na mesma casa faleceu aos 85 anos de idade, muito estimado de minha avó, a quem sobreviveu, apanhou uma vez tão terrível reprimenda, não me recordo porque motivo, que caiu desmaiado...



Um ano depois do casamento de meus pais veio a enlutar a família um trágico acontecimento — a morte de meu tio Tomé Gregório, falecido a 17 de Abril de 1827. Cabe aqui dizer dele alguma coisa.

O curso de estudos no convento dos Franciscanos não produziu sobre os dois irmãos resultados iguais.

Tomé Gregório pelo seu talento de elite ganhara grande supremacia sobre o irmão, conquanto este fosse também dotado de clara inteligência.

No referido convento, que no fim de contas, era uma Universidade em miniatura, como eram nessa época outras Ordens Religiosas, aprendeu ele o latim, filosofia, geografia, história, uns elementos de Direito e sobretudo música, para a qual o arrastava decidida vocação.

Segundo testemunhos contemporâneos era um excelente músico teórico e dotado de uma voz magnífica. Ao padre João Inácio de Sousa, amigo dele e meu mestre nas primeiras letras, ouvi muitas vezes dizer que «se esquecia a ouvi-lo cantar...».

Meu pai aludia algumas vezes a umas teses que o irmão brilhantemente sendo arguente um célebre Frei Tomás do Rosário que, afinal, teve de arrear bandeira perante os peremptórios argumentos do arguido.

Este facto, que hoje levantaria no corpo catedrático invejosa celeuma, foi então acolhido com aplausos pelo próprio arguente que abraçou o defendente, comovido até às lágrimas...

Ai! este brilhante talento fulgurou e extinguiu-se como um meteoro, arrebatado aos 27 anos por uma tísica pulmonar.

Foi uma das grandes dores que torturaram o coração de minha avó já tão curtido de fundos pesares. Nunca a ouvi falar do filho que não chorasse. Minha mãe estremecia-o como a um irmão querido. Tocante a meu pai, esse, apesar de mais velho, obedecera sempre aos preceitos do irmão, reconhecendo de boa vontade a sua superioridade intelectual.

Por isso, ao dizerem-lhe que ele acabava de expirar, soluçou as seguintes palavras que minha mãe ouviu, ela mesma desfeita em pranto: «já lá vai o meu director!»

Ainda vivia meu bisavô...

A esse nonagenário, que presenciara a trágica morte de sua avó, de seus pais, irmãos e criados; que sobrevivera à esposa e aos três filhos, Deus reservara ainda a dor de ver a morte do neto!

Com cristã resignação suportou ele as rudes provas com que a Deus aprouvera experimentá-lo e pouco antes da sua morte dizia a minha mãe: «conto perto de noventa anos, tenho sofrido bem duros golpes e apesar disso — tal é o nosso afêro à vida — parece-me que nasci ontem...»

Faleceu a 10 de Março de 1830, com 89 anos.

Um ano depois, em Maio de 1831, desembarcavam em S. Jorge, vindo de Angra, uns centos de partidários de D. Pedro IV, aos quais vinha adida parte do denominado «batalhão académico».

S. Jorge e algumas outras ilhas do arquipélago tinham seguido a parcialidade de D. Miguel de Bragança.

Os partidários de D. Pedro, muito tempo bloqueados em Angra por uma esquadilha miguelista, destroçada no combate da Praia — desde então denominada «Praia da Vitória» — achando desimpedido o mar vinham implantar aqui o regime liberal. <sup>(16)</sup>

Em uma ilha aberta, como esta, a toda a casta de invasões externas, sem fortalezas, sem munições, sem tropa disciplinada, era de primeira intuição não opôr resistência aos partidários de D. Pedro. Não o entenderam assim os governantes da Ilha, que incumbiram ao capitão Mendonça, natural do continente, de fazer frente aos liberais.

Engajada uma simples escaramuça no alto das «Manadas» a breve trecho puseram os liberais em debandada aquele punhado de bisinhos que fugiram na direcção da vila da Calheta, no intuito de embarcar para S. Miguel, onde predominava ainda a parcialidade Miguelista.

Ao arrear ao mar, rombou-se o yacht em que pretendim fugir, ficando inutilizado.

Entretanto os liberais que vinham no encalço dos fugitivos, chegando ao cimo da ladeira, por onde se desce à vila e percebendo a intenção deles, dividiram-se em duas colunas, uma das quais de um ponto iminente ao porto começou a fazer fogo sobre o yacht, enquanto a outra descia à vila para interceptar a fuga dos miguelistas reunidos no porto.

Meu pai e seu cunhado Faustino António, o primeiro com o posto de alferes, o segundo com o de tenente, nas milícias locais, tinham-se recusado a tomar parte nessa imprudente expedição.

A isso deveram a conservação das vidas.

Chegados ao porto os liberais, o comandante destes — um tal capitão Nogueira de ominosa memória — intimou o Mendonça a render-se com os poucos soldados que o acompanhavam, completamente desmoralizados pelo medo. Reconhecendo a impossibilidade da resistência, o Mendonça desafivelou o boldrié e enrolou-o na espada, entregando-a ao Nogueira.

Mas, posto que por este facto ele se collocasse sob a inviolabilidade dum prisioneiro de guerra, não obistou isso a que um dos soldados liberais que estava ao lado do seu comandante varasse com uma bala de fusil o peito do infeliz Mendonça que caiu redondamente morto.

<sup>(16)</sup> Seja-me desculpada alguma inexactidão que porventura se encontre, no que acabo de dizer. Não entra no meu intuito escrever história; repito como um eco, o que colhi de tradições orais.

Aludindo à entrada dos partidários de D. Pedro nesta ilha, foi somente porque nesse acontecimento político figuram, posto que secundariamente, pessoas da minha família e alguns amigos dela.

Pela sua parte o Nogueira, em vez de mandar imediatamente fuzilar o assassino, ainda agrediu com a espada o capitão João Victorino (tio materno do meu ilustre amigo Dr. José Pereira da Cunha) também prisioneiro e desarmado, fendendo-lha a barretina com um golpe de espada, a qual resvalando pela frente do agredido, lhe cortou a ponta do nariz.

Um outro soldado, imitando o que assassinara o Mendonça, desfechou três vezes a espingarda contra o capitão João Victorino e outras tantas vezes ele errou fogo...

Duma casa onde se escondera, presencava esta cena Joaquim Cristóvão de Figueiredo, natural de Angra, amigo do capitão João Victorino. A ele devo estes pormenores, aos quais ele acrescentou que desmaiara ao ver o seu amigo nas garras da morte.

Escapando milagrosamente, o capitão João Victorino foi levado para Angra, e, sem mais forma de processo, atirado a um calaboiço do castelo de S. João Baptista, onde jazeu um ano.

A meu pai, que foi o seu mais íntimo amigo, contava ele que era tal a aglomeração de prisioneiros naquele estreito cárcere, que o ar se tornara irrespirável, vendo-se obrigados a irem, por turnos, respirar por debaixo da porta.

Seu irmão, o sargento-mór António Victorino da Silveira, falecido em 1843, resolvendo-se a experimentar o poder do dinheiro, mandou a Angra um expresso (J... S... C..., posteriormente vigário de Santa Catarina) <sup>(17)</sup> com uns centos de patacas destinadas a amargar a fúria dos carcereiros do irmão. O mesmo foi lá chegar o dinheiro que ser restituída a liberdade ao preso que voltou logo ao seio da família.

E aqui temos um irrefragável documento da probidade dos Catões liberais.

Logo que os partidários de D. Pedro, perpetrado o cobarde assassinato do Mendonça, tomaram posse da vila da Calheta, posse que, aliás ninguém lhes contestou aí estabeleceram quartel, disseminando-se o capricho e não por meio de um aboletamento regular, pelas casas que mais lhes agradavam, entrando nelas no número que bem lhes parecia, como em país conquistado.

Ainda aí exibiu o Nogueira mais uma prova da sua ferocidade. A um calhetense — J... J... B... — que acusava dois soldados do furto dumas couves aplicou ele próprio uma tal carga de cacetadas, que disso veio a vítima a morrer poucos dias depois.

Parte dos liberais foi procurar alojamento na freguesia de S. Tiago. A nossa casa vieram ter seis que lá estiveram três semanas. Ao constar que eles vinham entrando na freguesia, meu pai receando algum

<sup>(17)</sup> A tinta, no fundo da página há o seguinte: J... S... C... João Silveira de Carvalho.

insulto, menos por si do que por minha mãe, retirou-se com ela e com os dois filhos que tinha então para uma propriedade sua à beira-mar, denominada «Cerrado da Rocha».

Tinha eu então 21 meses e minha irmã perto de 4 anos. Nascera ela a 26 de Outubro de 1827 e eu a 14 de Agosto de 1829. Minha irmã caminhava pegando numa mão do pai, eu ia ao colo de minha mãe, que chorava, imaginando que não voltaria a casa nem tornaria a ver a sogra. <sup>(18)</sup>

Mas, de todos três era essa a que menos apreensão tinha. Ao aproximarem-se da casa os seis militares de cartucheira e fusil ao ombro, saiu à rua a recebê-los com a mesma graça que se fossem hóspedes ben-vindos. Depois de entrarem perguntou-lhes o que queriam para a ceia: «galinha com arroz, patroa» responderam os *DELICADOS* hóspedes...

Havia, felizmente, farta capoeira que, todavia, ao cabo de três semanas estava reduzida a zero.

Perguntaram a minha avó pelo «patrão» ao que ela respondeu que era viúva e que o seu único filho se achava ausente com a esposa. Insistindo (sempre com a mesma *DELICADEZA* que queriam vê-lo, mandou minha avó um expresso chamar meus pais, que regressaram a casa.

Havia entre esses seis soldados alguns alunos da Universidade de Coimbra — eles mesmo se jactavam disso; mas fosse pelo orgulho de terem conquistado (com pouco dispêndio de pólvora) uma terra miguelista, ou por hábitos contraídos na caserna, eles não se distinguiam em coisa alguma dos outros camaradas, sendo todos sem excepção, grosseiros, insolentes e — *PAR DESSUS LE MARCHÉ* — ladrões como ratos.

Roubaram-nos três relógios de algibeira, dois cordões de ouro, uma tesoura de vela e prato, ambos de prata, e uma porção de livros de valor, que faziam parte da biblioteca do padre Tomé Gregório, a qual se compunha de mais de 200 volumes.

Minha avó tornou a haver por compra, a tesoura e o prato e alguns dos livros, a que os larápios tinham cortado o nome do seu dono.

Relógios e cordões, esses é que não voltaram mais a nossa casa. Por aqueles dias uns dos aboletados na freguesia de S. Tiago assassinaram Frei Mathias, um inofensivo que outro crime não cometera senão o de ser — frade.

Era amigo de meu pai, ensinara-lhe o voltarete e oferecera-lhe um livro de officios da semana santa, por ele encadernado em marroquim vermelho, com filetes dourados, livro que eu conservo, como recordação de meu pai e de seu infeliz amigo.

Receando encontrar-se com os liberais, Frei Mathias homiziara-se em uma casa hospitaleira. Por denúncia (são de todos os tempos os

<sup>(18)</sup> Narrativa de minha mãe.



Judas Iscariotes) lá o foram prender uma madrugada, obrigando-o a marchar para o quartel da Calheta. Ao cimo da ladeira disseram-lhe que estava livre e podia ausentar-se, mas apenas dera uns passos fuzilaram-no pelas costas, deixando-o, para cúmulo de atrocidade, completamente nú! <sup>(19)</sup>

Nesse estado o viu meu pai, indo nesse mesmo dia apresentar-se ao comandante dos liberais — Nogueira.

Enquanto cá pela Calheta os denominados liberais entretinham os seus ócios em gentilezas deste calibre, os seus correligionários aquartelados nas Velas não lhes ficavam atrás.

Um dia aquele mesmo X... de quem já falei, andando de passeio com um camarada pela povoação da «Beira» contígua às Velas, viram dois indivíduos que para se não encontrarem com eles, mudaram de rumo, metendo-se por uma canada transversal.

Tanto bastou para lhe enviarem duas balas.

Caíram ambos, um morto, o outro simplesmente desmaiado.

Quando os dois passeantes verificaram que um dos prostrados não tinha ferimento algum, crivaram-no de golpes de baioneta, de forma que em vez de um ali ficaram dois cadáveres...

O assassinado à baioneta era o tenente coronel Miguel Teixeira, pai dos doutores Miguel Teixeira Soares, José Soares Teixeira e João Teixeira Soares — o mais robusto talento de S. Jorge — já todos falecidos. Ao que estava morto, que era um frade amigo do Tenente coronel Teixeira, a esse o sr. X..., juntando ao assassinio a profanação, cortou-lhe as orelhas que meteu na algibeira envolvidas num papel...

Contou-me isto pessoa fidedigna a que ele — o miserável — teve o cinismo de mostrar as orelhas do frade, jactando-se desta infâmia como se fosse duma gloriosa façanha. <sup>(20)</sup>

Com quanto estes sangrentos episódios não figurem na história dessa época, ainda tão próxima e de tantas coisas se ignoram, nem por isso elas são menos verdadeiras, por isso que, mais duma vez, me foi afirmada a sua autenticidade por testemunhas contemporâneas que, acerca desses factos, podiam dizer como o poeta: *quorum pars magna fui*...

É pena, todavia, que a história os não mencione com os nomes escritos por extenso — dos seus respectivos protagonistas. Então jus-

<sup>(19)</sup> Gabaram-se desta façanha os mesmos que tinham escoltado o pobre frade.

<sup>(20)</sup> A pessoa que aludo era Maria Benedicta do Carmo, da freguesia de S. Tiago, a qual fora muitos anos criada da mãe de X... e ajudara a criá-lo. Encontrando-se ambos na casa do capitão-mor Miguel António, onde X... estava aboletado, tirou ele do bolso e deu à sua antiga criada um embrulho de papel em que ela achou as orelhas do frade, narrando-lhe X... as circunstâncias porque elas estavam em seu poder... Horrificada a boa mulher disse-lhe então estas proféticas palavras: «o menino não há-de acabar bem!»

tiça seria feita, porque «a história — diz Lamartine — é o eterno pelourinho dos nomes infames».

Entretanto o dia do ajuste de contas não se fez esperar. Desembarcando em S. Miguel uma partida de liberais a que estava adido X..., foram estes suplantados em um recontro com os miguelistas, e X... perseguido de perto só ponde acolher-se à pocilga de um porco onde foi massacrado a golpes de baioneta...

Digno fim de tal vida!

Estava realizada a profecia de M. B. do Carmo.

A 6 de Setembro de 1844 falecia minha irmã, na idade de 17 anos, vitimada por uma febre tifoide.

Esta morte cobriu a nossa casa de pesado luto.

Primogénita e filha única, minha irmã era profundamente amada por toda a família, especialmente por meu pai a quem esta desoladora perda esteve a ponto de arrastar ao túmulo.

Jamais depois da morte da filha tornou ele a recuperar aquela alegria e jovialidade expansivas, que constituíam a nota mais acentuada do seu excelente carácter... ET NOLUIT CONSOLARI!

Minha mãe que, na sua tocante expressão perdera com a filha «a luz dos seus olhos», minha mãe com aquela santa dedicação que tinha pelas dores alheias parecia esquecer a sua para exortar o esposo a conformar-se com a vontade de Deus.

Que tristes aqueles dias! E como a recordação deles me ficou profundamente gravada!

Tinham interceptado a luz com cortinas pretas. Pesava sobre todos uma penumbra esmagadora, lúgubre; as pessoas da família parecia não andarem, mas delizarem pela casa, leves, silenciosas, como sombras; falava-se em voz soturna o pouco que se falava; sentia-se que por ali passara a morte!...

Tinha eu então 15 anos.

Tomé, nascido em 1832, 13 anos.

António, nascido em 1836, 7 anos.

José, nascido em 1839, 5 anos.

Francisco, nascido em 29 de Novembro de 1843, pouco mais de dez meses.

Destes cinco irmãos existem quatro, tendo falecido na cidade da Horta, em 1877, Tomé Gregório de Lacerda, na idade de 45 anos.

Era amador de música eu um talento raro para a mecânica. Sem prática, nem teoria conseguiu construir um órgão, que foi comprado pela junta da paróquia de S. Tiago por reis 600\$000.

Posteriormente elucidado por explicações técnicas que lhe deu o célebre maestro Joaquim Silvestre Serrão, construiu vários órgãos,

dos quais existe um na matriz de S. Jorge, Velas; outro na paróquia de N. S.<sup>a</sup> da Piedade, do Pico.

Quatro anos depois da morte de minha irmã outro pesado luto caiu sobre a nossa família, com a morte de minha avó, falecida a 15 de Julho de 1848.

Era ela... tinha sido sempre depois da morte de sua irmã D. Bárbara, a sábia dirigente da nossa casa. Meu pai nada dispunha sem a consultar.

Ela era a única dominadora, a senhora absoluta, abaixo de Deus.

E não era somente em sua casa, mas também na de seu genro que ela exercia o seu discricionário poder.

Um exemplo: Em Janeiro quando se matavam os porcos ia minha avó com os netos passar uma quinzena a casa do genro. Este ao vê-la aproximar-se dizia às criadas: «aqui vem chegando a senhora D. Rita (dava-lhe sempre este tratamento); desde que entrar nesta casa é ela quem manda, dela é que vossemecês hão-de receber ordens». Assim se dizia, assim se fazia. Uma vez — como eu tenho isto presente! — uma vez à nossa chegada já estavam pendurados os porcos.

Minha avó assestou a luneta, mirou-os, franziu o sobrolho e... sem mais apelação nem agravo mandou pendurar os porcos e lavá-los segunda vez.

Quando o mal a que sucumbiu não deixou esperança de vida, veio da Fajã o tio João Inácio partilhar connosco os dias de luto, como partilhara os dias de alegria.

Era no dia 15 de Julho pelas 3 horas da tarde.

No seu quarto minha mãe chorava, repassando nos dedos as contas do seu rosário. Os filhos tinham-se reunido a ela buscando o seu apoio, como as aves acossadas pelo vendaval demandam abrigo à árvore hospitaleira.

Daí a pouco chegou o tio João Inácio, cobrindo o rosto com as mãos e deslizando-se-lhe as lágrimas por entre os dedos...

Logo depois assumou à porta meu pai sufocado pelos soluços, articulando a custo: «já lá vai a pérola da nossa casa» <sup>(21)</sup> As lágrimas de todos os seus... que belo epitáfio para a morta!

A minha avó sucedeu minha mãe na direcção interna da casa. Esse cargo exerceu-o ela, durante a sua vida, com sábia providência e bom senso, sendo auxiliada, nos últimos anos, na administração externa, pelos filhos, que dividiam entre si essa tarefa.

Usualmente cada um deles superentendia dois anos, o que dava a cada um desses ministérios o nome do respectivo ministro.

(21) Formais palavras.

No verão de 1854 faleceu o tio João Inácio, na idade de 85 anos. Meu pai estava no Pico com os filhos mais velhos.

Quando lá chegou a notícia, por uma carta de minha mãe, todos pranteámos a perda do nosso velho amigo a quem tanto queríamos e em cuja companhia tantos dias felizes tínhamos passado.

Tocou a minha mãe o triste encargo de cuidar do funeral do nosso querido velho, o último dos cinco irmãos, o último dos filhos de Bartolomeu Silveira Machado.

Passou-se então o longo período de 21 anos, sem que a morte viesse bater à nossa porta.

Mas, como se por esta trégua ela adquirisse o direito de vibrar golpe mais fundo que os precedentes, veio descarregá-lo sobre o chefe da família, sobre a pedra angular da nossa casa, sobre o guia inteligente e probo que dirigira os seus pelo caminho direito da vida.

Desde tempos sofria meu pai de fraqueza geral, falta de apetite, dificuldade de respirar e, periodicamente, de aflições do coração.

Um notável curioso em Medicina — B... J... N... — há muito falecido, capitulara estes fenómenos como symptomaticos de hydropsia do torax.

A 20 de Novembro agravaram-se os sofrimentos. Não podia estar de pé, não podia estar deitado; foi um dia de atribulação e angústia...

Nessa noite nem pensei sequer em deitar-me.

Ajudava-o a deitar-se, logo depois de levantar-se, e nesta incessante labutação chegou-se às duas horas da manhã.

Assentado na cama, recostado em travesseiros, meu pai pareceu-me um pouco mais descansado e com tendência a dormir.

Tomei-lhe o pulso, não percebi pulsações, mas atribuí isto a não ter palpado o lugar da artéria puz-me a tactear outros pontos...

Então meu pai que eu supunha dormitando, perguntou-me muito placidamente «se o pulso já não batia...»

Senti irromper-me à garganta uma onda de soluços que a custo reprimi e, saindo do quarto, acendi uma lanterna e fui chamar o padre J... E ...A... a) confessor de meu pai.

Eram 3 da manhã; eu marchava rápido, chorando... soluçando...

O padre levantou-se logo e seguiu-me.

Roguei-lhe d'entrar no quarto em ar de visita, a ver se o meu pai lhe pedia de o confessar. Assim fez e assim sucedeu.

O padre foi à igreja buscar os sacramentos. Entretanto amanhecerá. Eu estava ajoelhado aos pés da cama quando o padre entrou no quarto e perguntou a meu pai se queria receber a sagrada Eucharistia... — «Pois não hei-de querer receber o Senhor das infinitas misericórdias?»

Tais foram as suas últimas palavras, que só a morte poderá apagar da minha memória...



Depois de sacramentar-se, recostado como estava nos travesseiros, vi-lhe mexer os lábios, como se recitasse uma prece e logo, sem um abalo, sem uma convulsão, sem um movimento, pender-lhe a cabeça sobre o travesseiro...

Tinha expirado!

Eram 7 horas da manhã de 21 de Novembro de 1875.

Logo que a ausência de vida extinguiu o sofrimento físico assumiram as feições do extinto maravilhosa serenidade, realçada pela magestade da morte. Nunca aquele rosto respeitável me parecera tão formoso!.

Menciono esta circunstância pela estranha coincidência que ela teve com o que vou contar:

Escrevendo-me do Faial, a dar-me pêsames, meu tio e padrinho João Pereira de Lacerda, dizia-me, entre outras coisas, na sua carta que ainda conservo:

— «Se sonhares com o teu amigo, sonha com ele morto, não sonhes com ele vivo. Sucedeu-me isto a respeito do vosso digno pai. Dias antes de ter notícia da sua morte, sonhei com ele morto e tão formoso como nunca o fora em vida; do que aliás não me admirei, por ter pessoalmente conhecido a bondade e a piedade daquelle nobre carácter».

D'um só terço perei em relevo as qualidades desse nobre carácter. Elas deixaram um rasto luminoso na memória dos que conheceram meu pai. Os poucos que existem desses quando se referem a João Caetano de Sousa, ainda hoje lhe chamam: «*A boca que nunca mentiu*».

#### QUERIDA BÉBÉ

Findam aqui os apontamentos àcerca dos meus e teus antepassados.

Eu, que com referência a ti entro no número deles, eu não posso nem devo falar de mim.

Pertence essa inglória tarefa àquele dos meus descendentes que queira empreendê-la.

Se tal suceder, praza a Deus que eu tenha direito a que falem de mim com justiça, com o respeito e com a saudade, com que eu falei dos que me precederam.

Ilha de S. Jorge, Fragueira ,21 de Novembro de 1901.

*João Caetano de Sousa e Lacerda*

a) Verifiquei na nota do clero da Ribeira Sêca serem as iniciais (J... E... A...) as do Padre João Ernesto d'Amorim.